HISTÓRICO

Moinho Fluminense

Centro de Memória Bunge

Rua Diogo Moreira, 184 – 5º andar
Pinheiros – São Paulo – SP – Cep: 05423-010
E-mail: centro.memoria@bunge.com / Tel.: 11.3914.0846

Apresentação

1887: Moinho Fluminense
(sociedade comanditária)

1889: S. A. Moinho Fluminense
(sociedade anônima)

1965: Moinho Fluminense S. A. Indústrias Gerais

Há mais de um século, um conjunto de prédios em frente ao cais do porto figura proeminente na paisagem e na história do Rio de Janeiro. Inaugurado quando o País ainda era Império, e a cidade, sua capital, um dos primeiros moinhos de trigo modernos do Brasil teve seu alvará de funcionamento concedido pela Princesa Isabel, em 25 de agosto de 1887. Fruto do empreendedorismo dos irmãos uruguaios Carlos e Leopoldo Gianelli, o **Moinho Fluminense** passaria a integrar o Grupo Bunge em 1914 e por exatos 100 anos funcionaria ali, naquele conjunto de fábricas, armazéns e silos hoje tombado pelo patrimônio histórico e arquitetônico do bairro da Saúde. Palco e testemunha de guerras, revoluções sociais, mudanças de regime e crises financeiras mundiais, o **Moinho Fluminense** foi também ponta de lança de enormes avanços industriais que ajudaram a movimentar a economia nacional e trazer o Brasil para o século XXI. Vendido o antigo moinho em 2014, no entanto, a empresa mudou-se para outro sítio, no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, onde foi construída a mais moderna planta de moagem de trigo da América Latina. É lá que a marca **Moinho Fluminense** iniciaria, em 2017, seu 130º ano de vida como sinônimo de pioneirismo, modernidade, ousadia e sucesso.

Os irmãos Carlos e Leopoldo Gianelli, fundadores do Moinho Fluminense.

1880 / CHEGADA DE CARLOS GIANELLI AO BRASIL. Filho do empresário da moagem de trigo Santiago Gianelli – italiano de Castiglione Chiavarese, que havia migrado para o Uruguai em 1849 –, Carlos Gianelli tem 25 anos quando chega ao Rio de Janeiro, após período de estudos na Inglaterra, para instalar um moinho na capital do Brasil Imperial. Com a experiência adquirida na indústria do pai em Montevidéu, Carlos, auxiliado pelo irmão Leopoldo, abre seu primeiro moinho de beneficiamento de trigo em um prédio da antiga Rua Larga de São Joaquim, atual Rua Marechal Floriano, Zona Norte do Rio.

1883 / FUNDAÇÃO DA GIANELLI & CIA. No dia 11 de julho de 1883, três anos após sua chegada, Carlos Gianelli se associa a Francisco de Paula Mayrink para fundar a **Gianelli & Cia.**, com contrato social registrado na Junta Comercial da Corte.

25 de agosto de 1887: decreto nº 9.776, que autoriza o funcionamento do Moinho Fluminense (transcrição do decreto original assinada pelo secretário da Biblioteca Nacional Oscar Lima Freire – acervo CMB).

1887 / INAUGURAÇÃO DO MOINHO FLUMINENSE. Os irmãos Gianelli deslocam sua indústria de moagem para a Rua da Saúde, atual Rua Sacadura Cabral, no bairro da Saúde, zona portuária do Rio de Janeiro. As novas instalações ficam no prédio nº 170, adquirido por 60 mil réis ao proprietário Benjamin Wolf Moss (que precisou rescindir o contrato com o então arrendatário, indenizado com a quantia de 3 mil réis), e no terreno vizinho, nº 172, adquirido por 70 mil réis à Arthur Moss & Cia. (A quitação plena e geral da hipoteca dos imóveis seria lavrada em 18 de março de 1890.) É fundada a sociedade comanditária **"Moinho Fluminense"**, que tem como principais acionistas a Gianelli & Cia. (400 ações), Leopoldo Gianelli (180 ações), as empresas Phipps Irmãos & Cia., Duvivier & Cia. e John Pethy & Cia. (100 ações cada), Carlos Gianelli (90 ações), o cônsul Érico A. Pena (50 ações) e o Visconde de Carapebris (40 ações). No dia 25 de agosto de 1887, a nova sociedade ganha o alvará de funcionamento, concedido pela Princesa Isabel, dando início às operações e à história do **Moinho Fluminense** (o decreto seria publicado no *Diário Oficial* do dia 1º de setembro de 1887).

1887: Capacidade de moagem inicial do Moinho Fluminense: 80 toneladas de trigo por dia.

1887 A 1889 / PRIMEIROS ANOS. Instalado em um prédio de cinco andares projetado por Antonio Jannuzzi, um dos melhores arquitetos do Rio de Janeiro à época, o **Moinho Fluminense** é um dos primeiros moinhos industriais modernos do País. Seu maquinário vem importado da fábrica Thomas Robinson & Son, de Rochdale, Inglaterra. Sua produção não é comercializada diretamente com o grande público, sendo distribuída exclusivamente pela firma John Moore & Cia., com sede na Rua Candelária, nº 92, Centro do Rio de Janeiro. Já nos primeiros anos, o **Moinho Fluminense** apresenta bom desempenho: em 1888, pagas todas as despesas e separados os montantes destinados aos lucros suspensos e ao fundo de reserva, os associados ganham dividendos da ordem de 14%. A concorrência limita-se ao Moinho Inglês, então a única outra empresa dedicada à industrialização do trigo na cidade do Rio de Janeiro. Para fomentar o cultivo do grão no País, o **Moinho Fluminense** passa a distribuir sementes da melhor qualidade a agricultores das regiões Nordeste (PE) e Sul (PR, SC, RS). Em 1889, a empresa adquire mais um prédio próximo à sua fábrica – no nº 176, adquirido por 65 mil réis à dona Maria Joaquina Duarte – e torna-se sociedade anônima. A **S.A. Moinho Fluminense** tem como primeiro diretor-presidente o seu fundador, Carlos Gianelli.

Projeto de maquinário para o Moinho Fluminense ("The Rio Flour Mill") da firma Thomas Robinson & Son, de Rochdale, Inglaterra (30 de dezembro de 1887).

Construindo uma História

Mudanças arquitetônicas no
Moinho Fluminense ao longo dos anos

1887: Prédio original do Moinho Fluminense, com cinco andares.

1896: Construção do prédio da Administração.

1912: Construção do Silo Nº 1, do túnel ligando o Porto ao Parque Industrial e do elevador para descarga dos navios.

1926: Construção do Silo Nº 2

1927: Construção do Silo Nº 4

1945: Construção da Padaria.

1949: Ampliação dos prédios de moagem.

1954/1955: Construção do Silo Nº 3.

1955/1956: Construção do Silo Nº 5.

1965: Novo prédio para instalação da sede da Administração.

1966: Construção do Refeitório.

1971: Construção da nova Seção de Vendas.

Fachada do Moinho Fluminense em 1904. Antes do Aterro e da construção do cais do porto, o mar vinha bater à porta do Moinho Fluminense.

Fachada do Moinho Fluminense em 1909. Projeto e Construção de Antonio Jannuzzi, Irmão & Co. Acervo do MIS/RJ. In Acervo Centro de Memória Bunge.

Fachada do Moinho Fluminense em 1913, após acréscimo de mais quatro andares sobre o original. Acervo MIS/RJ. In Acervo Centro de Memória Bunge.

Edifício dos Silos nº 1 e nº 2 do Moinho Fluminense, novembro de 1936. Acervo Centro de Memória Bunge.

Vista do Moinho Fluminense, do Silo nº 2, com capacidade para 1.200 toneladas de trigo, e do Armazém nº 1, com carroças sendo carregadas. Anos 1930. Acervo Centro de Memória Bunge.

Fachada da unidade industrial da Moinho Fluminense S.A. Brasil; Rio de Janeiro; Rio de Janeiro; Meira S.A.; 1952. Acervo Centro de Memória Bunge.

Silo nº 3, visto da Rua Antonio Lajes, s/d, Rio de Janeiro (RJ), autoria não identificada. Acervo Centro de Memória Bunge. Concluído em 1955, o silo representou, em sua especialidade, verdadeiro monumento da engenharia.

1889 A 1891 / BOAS E MÁS NOTÍCIAS. Relatório referente ao período de 1º de abril de 1889 a 30 de setembro de 1891 registra preocupação que perduraria em anos seguintes: a política tarifária do País estaria gerando frequentes oscilações do câmbio, elevando o preço do trigo importado (e encarecendo as mercadorias do **Moinho Fluminense**) ao mesmo tempo em que dava estímulos à penetração, no mercado nacional, de farinhas de trigo estrangeiras. Por outro lado, negociações do diretor-presidente Carlos Gianelli com produtores de trigo na região do Rio da Prata logram importante conquista para a empresa. Se até então a **S.A. Moinho Fluminense** importava trigo principalmente de Nova York, da Nova Zelândia e da Região do Báltico, o Prata passa a oferecer uma alternativa de fonte de matéria-prima mais próxima e com maior segurança contra danificação do cereal (causada pelo depósito em celeiros expostos aos rigores do clima naquelas outras regiões). Entre os maiores consumidores dos produtos da empresa, à época, o relatório aponta os mercados do Rio de Janeiro, de São Paulo – embora cite embaraços no transporte da farinha ao mercado paulista via estrada de ferro Central do Brasil – e do Rio Grande do Sul.

1892 / CONCORRÊNCIA ESTRANGEIRA. Relatório referente ao ano de 1892 e início de 1893 segue indicando a concorrência de farinhas importadas como um desafio às finanças da empresa. Além de apresentarem menor qualidade e, portanto, preços reduzidos, as farinhas estrangeiras chegam ao País em sacos e barricas livres de direitos – diferentemente dos produtos do **Moinho Fluminense**, que precisa importar sacos, devido ao preço não compensador cobrado pelo fabricante nacional de sacaria. Ainda assim, no segundo semestre de 1892, após pagos os dividendos (3%), os lucros distribuídos aos acionistas atingem 28% do capital. Somados aos 14% repartidos durante o período em que a empresa era sociedade comanditária, totalizam 42% até então.

1893: Durante a Revolta da Armada – enfrentamento bélico entre a Marinha e o Exército do Presidente Floriano Peixoto –, o Ministro da Fazenda Ruy Barbosa refugia-se dentro do Moinho Fluminense, com a ajuda do amigo Carlos Gianelli.

1893 / REVOLTA DA ARMADA AGRAVA DIFICULDADES. Em 1893, o enfrentamento bélico entre a Marinha e o Exército do Presidente Floriano Peixoto – a chamada Revolta da Armada, que tem como palco principal a Baía de Guanabara – traz novos e graves transtornos para as atividades da **S.A. Moinho Fluminense.** O Moinho se torna cenário e personagem do combate: tropas de guarnição do litoral e da polícia portuária ocupam as dependências da empresa; trincheiras são construídas sobre a ponte de embarque e desembarque da fábrica; tiros são disparados em direção ao moinho, atingindo telhados, caldeiras e os próprios funcionários. Como consequências, o desembarque da matéria-prima no porto é prejudicado, a remessa de farinha para a Região Sul deixa de ser feita, após interceptação da via marítima, e a estrada de ferro Central do Brasil deixa de prestar o serviço regular de transporte das mercadorias para o interior fluminense e paulista. Some-se a isso o câmbio desfavorável e um convênio firmado entre os governos brasileiro e americano, que favorece a importação de farinhas de trigo americanas, e o **Moinho Fluminense** se vê obrigado a reduzir sua moagem – e, consequentemente, sua renda. No segundo semestre de 1893, a empresa não apresenta lucro em suas atividades. No ano seguinte, contudo, a empresa volta a apresentar lucros suficientes para saldar os juros de suas dívidas consolidada e flutuante e operar pequenos abatimentos na última.

Fotografia da região do Porto do Rio de Janeiro – destaque para o prédio do Moinho Fluminense – durante a Revolta da Armada, em 1893. Fonte: Arquivo Nacional.

Depósito de farinhas do Moinho Fluminense no Rio de Janeiro: para aumentar lucros, a empresa elimina intermediários, estabelecendo distribuidoras em cidades consumidoras e vendendo seus produtos diretamente a padeiros.

1897: Soldados provenientes da campanha de Canudos (BA) retornam à capital e se instalam em habitações precárias no Morro da Providência, próximo ao Ministério do Exército e ao Moinho (ao fundo). Segundo alguns historiadores, tendo se aquartelado durante a batalha no sertão baiano em um morro chamado "favela" – recoberto por arbusto rasteiro de mesmo nome –, eles teriam batizado a nova morada também de favela. Segundo essa versão, seria a primeira favela do Brasil.

1896 A 1897 / MARES MAIS CALMOS. Os anos seguintes veem o **Moinho Fluminense** superar os desafios agravados pela guerra na Baía de Guanabara e navegar mares mais calmos. Atendendo a reivindicações do setor moageiro, o Congresso Nacional isenta as empresas da taxa de expediente sobre o trigo. O mercado consumidor cresce, a ponto de, em 1896, a empresa não dar conta da demanda de seus clientes. (No mesmo ano, o jornal *O Paiz* informa que a **S.A. Moinho Fluminense** teria comprado toda a produção de trigo de Montevidéu, no Uruguai.) No ano seguinte, o maquinário da empresa contabiliza então 33 moinhos, 20 purificadores, 30 centrífugas e cernideiras, 20 máquinas de peneirar, 8 máquinas de ensacar farinha e farelo, 40 máquinas para limpar o trigo, 23 aspiradores e ventiladores e 4 balanças automáticas. Em agosto de 1897, o relatório da diretoria à assembleia geral de acionistas revela que a produção teria mantido os níveis de exercícios anteriores e que a estratégia da empresa de evitar ao máximo os intermediários – comprando diretamente de produtores e vendendo diretamente a padeiros – teria dado lucro.

1898 A 1899 / OPERAÇÃO A TODO VAPOR. O relatório de fins de agosto de 1898 indica uma produção regular, operação ininterrupta do maquinário e finanças positivas: após pagos os juros de capital tomado a crédito; após atendido o serviço de amortização das debêntures e pagos os respectivos juros; e após ser reservada elevada soma para a conta de lucros suspensos (necessária para resguardar a empresa de adversidades futuras); o **Moinho Fluminense** distribui dividendos de 7% aos acionistas. Com isso, desde a instalação da sociedade comanditária, os dividendos distribuídos pela empresa totalizariam então 70% de seu capital social. No mesmo ano, a empresa tem como maior concorrente a Moinhos e Granéis do Rio de Janeiro. Em 1899, a empresa anuncia que irá aumentar o movimento de moagem das máquinas devido à ampliação da clientela. Além disso, novas solicitações de lavradores por sementes indicam que os esforços da empresa em fomentar o cultivo de trigo nos campos do País começam a dar resultados. As primeiras décadas do século XX reservariam, no entanto, mais dificuldades.

INÍCIO DOS ANOS 1900 / DESAFIOS ECONÔMICOS. No primeiro semestre do ano de 1900, a diretoria da **S. A. Moinho Fluminense** comunica a assembleia de acionistas decisão do Governo Federal de retirar a pequena proteção concedida ao setor moageiro, tributando pesadamente a entrada do trigo em grão no território nacional. A medida novamente favorece a concorrência estrangeira; o aumento do preço do trigo no mercado internacional tampouco ajuda. A conjuntura econômica, somada à necessidade de uma série de amplas reformas nas instalações do **Moinho Fluminense**, faz com que durante a maior parte das duas primeiras décadas do século XX a empresa decida não distribuir dividendos aos acionistas. Apenas em março de 1918 a diretoria voltaria a propor o pagamento de dividendos de 10% sobre o capital social.

Porto do Rio de Janeiro, antes e depois do aterro da área da Saúde e da construção do cais: acima, fotografia de Marc Ferrez de fins do século XIX, onde se veem as antigas docas (Acervo MIS/RJ). Abaixo, após aterramento.

1902 / ANÚNCIO DA AMPLIAÇÃO DO PORTO DO RIO DE JANEIRO. Em dezembro de 1902, Rodrigues Alves assume a Presidência da República e, em mensagem ao Congresso Nacional, anuncia a intenção de melhorar os portos nacionais, a começar pelo do Rio de Janeiro. A obra envolveria o aterro de mais de três quilômetros de faixa costeira, dando origem a várias pequenas baías entre a ponta de São Bento e a de São Cristóvão, e favoreceria o **Moinho Fluminense** por ampliar os terrenos adjacentes à indústria, permitindo a extensão de suas instalações. As obras de ampliação do porto aconteceriam ao longo da década, sendo o novo Porto do Rio de Janeiro inaugurado em 20 de julho de 1910. (Vale notar, porém, que, em 1911, a assembleia de acionistas da **S.A. Moinho Fluminense** autorizaria a sua diretoria a estabelecer negociações com o Governo Federal, sobre a construção do porto em terrenos de domínio útil da empresa – o que leva a crer que as obras ainda estavam em curso após a data de inauguração.)

1904: Durante a Revolta da Vacina, a população monta barricadas em frente ao Moinho Fluminense contra a vacinação obrigatória instituída pelo diretor-geral de Saúde Pública, o médico Oswaldo Cruz.

1908 / FALECIMENTO DE CARLOS GIANELLI. Acometido por grave doença, não diagnosticada, em 1906, Carlos Gianelli é levado para tratamento na Europa, ficando o seu irmão Leopoldo com o cargo de diretor-presidente do **Moinho Fluminense**. O fundador da empresa morreria dois anos depois, em 1908, ainda fora do Brasil.

\- CARLOS GIANELLI -

Ao nosso querido Chefe

CARLOS GIANELLI

Tributo de gratidão dos empregados d'administração do MOINHO FLUMINENSE

1908

Mensagem de despedida dos funcionários da S. A. Moinho Fluminense ao seu fundador, Carlos Gianelli, falecido.

1908 / PARTICIPAÇÃO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL. Organizada no Rio de Janeiro, no bairro da Urca, a Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil conta com a presença do **Moinho Fluminense,** que expõe pequenos sacos e frascos de cristal com amostras de farinha de trigo, semolinas, farelo, farelinho, etc. A participação no evento confirma a importância da empresa para a economia nacional de então – ao final daquela década, além da elevada produção em termos de moagem de trigo, o Moinho emprega aproximadamente 150 pessoas e consome, anualmente, em torno de 1 milhão de metros de pano nacional, de uma então emergente indústria têxtil brasileira, da qual as empresas Bunge seriam uma das principais forças motrizes (em São Paulo, uma oficina têxtil fundada em 1925 para fornecer sacos ao **Moinho Santista** daria origem à **Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**).

1914 / AQUISIÇÃO DO MOINHO FLUMINENSE PELA BUNGE. Em 1914, a multinacional holandesa **Bunge y Born** – presente no Brasil desde 30 de setembro de 1905, quando da fundação da **S. A. Moinho Santista Indústrias Gerais** – adquire a **S. A. Moinho Fluminense** e passa a controlar a sua produção.

1925: Capacidade de moagem do Moinho Fluminense: 200 toneladas de trigo por dia.

Moinho de cilindro: pioneirismo do Moinho Fluminense no Brasil.

INÍCIO DOS ANOS 1920 / REFORMAS E RELAÇÃO COM O CONSUMIDOR. Durante o início dos anos 1920, a empresa segue investindo em melhorias de suas instalações e equipamentos. Foi o primeiro moinho a fabricar farinha com o uso de cilindros no Brasil. Em 1923, terminadas as reformas no **Moinho Fluminense**, mesmo operando em capacidade máxima de moagem, a empresa mal consegue dar conta da demanda. Em 1924, o Moinho cria uma seção de vendas e passa a lidar diretamente com os clientes. (Uma curiosidade: até aproximadamente 1924, a farinha de trigo era acondiciona em barricas de 44 quilos, sistema remanescente da época em que o produto era

importado de outros países; posteriormente, passou-se a utilizar sacos. Mudança que desagradou aos consumidores, dado que as barricas de madeira se prestavam a múltiplas utilidades.)

1923: As farinhas produzidas pelo Moinho Recife (Grandes Moinhos do Brasil S.A.) – também da Bunge – recebem Medalha de Ouro na Exposição Internacional do Centenário da Independência, megaevento realizado no Rio de Janeiro, de 7/7/1922 a 23/3/1923.

1927 / FALECIMENTO DE LEOPOLDO GIANELLI. Em novembro de 1927, morre Leopoldo Gianelli, fundador e então diretor-presidente da **S. A. Moinho Fluminense.**

O Moinho Fluminense S. A.

Leopoldo Gianelli

Mensagem de despedida dos funcionários da S. A. Moinho Fluminense ao seu fundador, Leopoldo Gianelli, falecido.

Laboratório e equipamentos do Moinho Fluminense; Rio de Janeiro/RJ; autoria de M. Rosenfeld; nov. 1936. Acervo Centro de Memória Bunge.

1928 / INAUGURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ANÁLISE DE FARINHAS. Em 5 de julho de 1928, o **Moinho Fluminense** inaugura laboratório de análise de suas farinhas. Em 20 de julho, é instalado o aparelhamento completo para determinação de proteínas pelo método de Kjeldahl (batizado em nome de seu criador, o químico Johan Gustav Kjeldahl). Em 1932, o laboratório seria remodelado e modernizado.

1930: Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas ascende à Presidência assumindo, entre outras bandeiras, a da nacionalização da indústria brasileira e a da valorização da produção agrícola nacional. Ao longo da década, o intervencionismo estatal se faz notar na indústria do trigo. Em maio de 1936, o governo federal reduz a tarifa alfandegária incidente sobre o trigo importado, porém institui uma comissão para fixar uma porcentagem mínima de trigo nacional a ser adicionada ao estrangeiro nos produtos fabricados com o cereal. Em novembro de 1937, um decreto-lei dispõe sobre a utilização da farinha de trigo na panificação nacional, e em 1938 o governo cria o Serviço de Fiscalização do Comércio de Farinhas, para fazer valer a obrigatoriedade de os moinhos adquirirem e consumirem o trigo em grão produzido no Brasil. Se por um lado, as medidas buscam dar impulso à triticultura brasileira, por outro lado são insuficientes – em toda sua história, o Brasil jamais atingiu a autossuficiência na produção de trigo; até hoje, sempre se precisou importar trigo para dar conta da demanda da indústria nacional.

ANOS 1930 / AMPLIAÇÃO DAS ATIVIDADES DA MOINHO FLUMINENSE. Em 1930, a **S.A. Moinho Fluminense** inicia nova fase de sua história, agindo como uma *holding* com participação acionária em outras empresas, sendo a primeira delas a **Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**, na Zona Leste da cidade de São Paulo. Constituída em 1929, a fábrica garante a provisão de sacaria de algodão para os moinhos da **Bunge**, como o Santista e o Fluminense, e é o embrião do que mais tarde seria a **Santista Têxtil**. Ao longo das próximas décadas, a **S.A. Moinho Fluminense** teria participação acionária em mais empresas da **Bunge**, em setores diversos como o de produtos químicos, tintas e vernizes e o de óleos comestíveis.) Ainda nos anos 1930, para tentar se adaptar às restrições governamentais à importação de trigo (*v. contexto histórico ao lado*), a **S.A. Moinho Fluminense** transfere para a cidade do Rio de Janeiro a operação industrial até então realizada na unidade de Barra Mansa (RJ). E vende as instalações de São Paulo ao Moinho Santista.

Fotografia das costureiras da S.A. Moinho Santista. São Paulo/SP; autoria não identificada; anos 1930. Acervo Centro de Memória Bunge.

Parque Industrial do Moinho Fluminense: nos anos 1930, responsável pela maior parte do abastecimento de farinha de trigo no Estado do Rio de Janeiro e estados vizinhos.

Padaria experimental do Moinho Fluminense, década de 1940.

1944 A 1945 / CRESCIMENTO DO SETOR DE PANIFICAÇÃO E PADARIA EXPERIMENTAL. Em 1944, o **Moinho Fluminense** dá início à construção de uma padaria experimental, inaugurada um ano depois, para prover assistência técnica aos industriais da panificação e propiciar estudos de Pesquisa e Desenvolvimento de novos produtos da empresa. À época, para dar conta de uma demanda crescente do mercado de panificação e massas alimentícias, só a produção da empresa não basta: é preciso importar 318.920 sacos de farinha.

Anúncio de jornal apresenta carteira de produtos do Moinho Fluminense, entre os quais as rações animais Avevita, Gadovita e Suinovita.

1947 / INÍCIO DA PRODUÇÃO DE RAÇÕES ANIMAIS. Em 1947, a **S.A. Moinho Fluminense** inicia a produção de rações balanceadas para alimentação animal, com capacidade produtiva de 2.500 kg por hora. Dois anos mais tarde, tal capacidade se elevaria para 5.000 kg por hora. E uma década depois, em 1959, esse número passaria para 21 toneladas por hora.

Moinho Central, em São Paulo.

1949 / INAUGURAÇÃO DE NOVAS INSTALAÇÕES DO MOINHO CENTRAL. Em São Paulo, são inauguradas as novas instalações do **Moinho Central**, com capacidade de moagem de 450 toneladas diárias de farinha, e uma fábrica de massas alimentícias, equipada com que há de mais moderno em termos de maquinaria do gênero.

1961 / ARRENDAMENTO DO MOINHO CENTRAL PARA FABRICAÇÃO DE RAÇÕES. Em 1961, a **S. A. Moinho Santista** arrenda o **Moinho Central**, em São Paulo, pertencente ao **Moinho Fluminense**, para produzir rações balanceadas.

Estande de vendas das rações Avevita, produzidas pela Moinho Fluminense.

1962 / GRANJA AVEVITA E FÁBRICA DE PROTEÍNAS DE PEIXE. Inaugurada em 1962 a **Granja Experimental Avevita**, instalada na Rodovia Presidente Dutra, para realizar o controle dos produtos da fábrica de rações balanceadas e os testes biológicos de seu emprego. Também em 1962, começa a funcionar a fábrica de proteínas de peixe no porto de Rio Grande (RS).

1967: Sob o regime militar, o governo federal passa a ter o monopólio da comercialização do trigo (medida que permanecerá até 1990). Por meio do Banco do Brasil, o governo torna-se o único comprador de toda a safra e revende a produção aos moinhos, estabelecendo o preço de venda do trigo em grão (abaixo da compra) e tabelando o preço dos derivados. Também passa a vistoriar e aferir os moinhos para eliminar excessos de capacidade ociosa e irregularidades. Além de custar caro para os cofres públicos, a medida, que visa ser um estímulo à produção nacional, não garante a qualidade do trigo brasileiro – afinal, a venda estaria garantida. Para a indústria moageira, no entanto, a qualidade superior do grão importado mantém-se essencial para a fabricação de farinhas, massas, rações e demais produtos.

1964 / PRÊMIO MOINHO FLUMINENSE. Em 1964, a **S.A. Moinho Fluminense** institui, com a aprovação do Ministério da Agricultura, o Prêmio Moinho Fluminense, concedido em cinco ocasiões ao longo da década. O Prêmio visa estimular a realização de estudos sobre a triticultura nacional.

1965 / MUDANÇA DE RAZÃO SOCIAL. No mesmo ano, assembleia geral extraordinária aprova a mudança da razão social da empresa para **Moinho Fluminense S.A. Indústrias Gerais**, mais adequada ao volume e variedade de seus investimentos, que se distribuíam por vários setores da economia nacional.

1969 / CAPITAL ABERTO. Em 1969, o aumento do quadro de acionistas permite ao **Moinho Fluminense** registrar-se como sociedade de capital aberto. Como resultado, aumenta o volume de operações de suas ações na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro já no primeiro semestre do ano.

ANOS 1970 / MAIOR MOINHO DE TRIGO DO HEMISFÉRIO SUL. O **Moinho Fluminense** inicia a nova década como o maior do Hemisfério Sul do planeta. Para consolidar sua importância e sua liderança de mercado – até 1979, o Moinho responderia por 48% do abastecimento de farinhas à população do Estado do Rio de Janeiro e por 64% da capital –, a empresa segue com a estratégia de modernização constante de instalações e equipamentos. Entre os investimentos feitos ao longo dos anos 1970, podem ser citados: a substituição de diagramas longos por curtos, a instalação de vibrocentrífugas, a reforma total da seção de limpeza e a instalação de *plansifters* de alta capacidade (1975-1976); a instalação de balanças automáticas e o aperfeiçoamento do sistema de proteção contra incêndio (1978-1979). Ao final da década, o trigo está sendo descarregado diretamente dos navios em um sistema pneumático, que conduz a uma esteira transportadora instalada no túnel sob o leito do cais do Porto e da Avenida Rodrigues Alves, até o silo. À medida que é recebido, o trigo é pesado, passa por uma pré-limpeza, a fim de tirar grandes impurezas (papel, madeira, terra) e é levado em caçambas até a altura de 30 metros, de onde vai para as diversas células, de acordo com sua procedência, para ficar estocado até sua utilização. O produto final, em forma de farinha, segue para os silos de farinha, de onde ainda será ensacado, estocado e despachado para a comercialização final. Também durante esta década, o **Moinho Fluminense** continua apoiando a política governamental de incremento à triticultura nacional, com destaque para uma contribuição financeira anual à Ação Moageira de Fomento do Trigo Nacional, entidade que congrega as indústrias do setor.

Descarga do trigo no Cais do Porto.

Empilhadeiras e esteiras rolantes para estocar sacos de farinha.

1978-1979 / TENDÊNCIAS DE MERCADO E SACOS MENORES DE FARINHA. Nos últimos anos da década, a empresa instala um sistema de ensacamento das farinhas domésticas da marca *Boa Sorte* em embalagens de 5 kg e dá início à instalação de empacotadoras de 1 kg. A medida visa acompanhar tendências de mercado favoráveis à horizontalização nas lojas de autosserviço, importante canal de distribuição do mercado de farinha.

Anúncio da farinha Boa Sorte, um dos principais produtos do Moinho Fluminense.

ANOS 1980 / POLÍTICAS DE VALORIZAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS. Registros da década de 1980 dão conta de que o **Moinho Fluminense** mantém em seu parque industrial um Serviço Médico-Odontológico gratuito a seus empregados e familiares. Funcionando oito horas por dia, a equipe é composta por dois enfermeiros, dois médicos (incluindo pediatra) e dois dentistas. Há, ainda, serviços de enfermagem, fisioterapia e laboratório de análise (coleta de material), além de convênio com três Casas de Saúde para cobrir diversas especialidades e tratamentos – inclusive internação – custeados pela empresa. Um refeitório com 162 lugares oferece refeições a preços simbólicos. Em termos de reconhecimento e estímulo a seus funcionários, a empresa concede ainda prêmios por frequência, por 25 anos de casa, presentes de casamento, bolsas de estudo, empréstimos consignados, cursos e treinamentos frequentes. Uma vez por ano, elege o operário padrão.

1986 / TOMBAMENTO DO MOINHO FLUMINENSE. Em 23 de agosto de 1986, dá-se a assinatura e publicação do decreto de tombamento definitivo de 23 prédios dos bairros cariocas da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Coordenado pelo Departamento Geral do Patrimônio Cultural do Município do Rio de Janeiro, o trabalho de tombamento levou três anos de estudos até esta data e foi desenvolvido por oito órgãos governamentais, por meio do Projeto Sagas, que tinha como objetivo preservar o patrimônio arquitetônico, artístico e cultural dos três

bairros. Entre os prédios tombados, estão os prédios do **Moinho Fluminense** situados na Rua Sacadura Cabral, 290, e na Rua Antonio Lage – inclusive as pontes – excluindo o do quarteirão da Rodrigues Alves. A cerimônia foi efetuada pelo prefeito Saturnino Braga, durante ato público na Praça da Harmonia, em frente ao Moinho, às 16h.

Selo do prêmio "Os Bem-Sucedidos", concedido pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro ao Moinho Fluminense.

1986 / PRÊMIO DA BOLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO. Em 25 de agosto de 1986, o **Moinho Fluminense** é selecionado para o prêmio "Os Bem-Sucedidos", como destaque do setor de produtos alimentícios, concedido pela revista da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. A cerimônia de homenagem aos "bem-sucedidos de 1986", comemorativa também dos 20 anos da revista *Bolsa*, acontece na sede do Jockey Club Brasileiro.

1986 / AQUISIÇÃO DA PETYBON. Em 15 de dezembro de 1986, o **Moinho Fluminense** torna-se acionista da Petybon, tradicional marca de massas e biscoitos, criada em 1930 pelas Indústrias Matarazzo. O negócio é maior do que as duas marcas. Como registram os jornais da época, trata-se de um investimento de US$ 12 milhões, pela **Bunge** – via **Moinho Fluminense S.A. Indústrias Gerais** e **Moinho Recife S.A. Empreendimentos e Participações** – para se associar à Hershey do Brasil Participações Ltda., subsidiária da norte-americana Hershey International Ltda., então controladora da Petybon Indústrias Alimentícias Ltda. Com o negócio, esta recebe nova razão social – Petybon S.A. – e torna-se uma *holding*, da qual o **Moinho Fluminense** detém 29,86% das ações; o **Moinho Recife**, 25,14%; e a Hershey, 45%. (Totalizando 55% das ações, a **Bunge** torna-se majoritária, portanto.)

1987: Em seu centenário, o Moinho Fluminense ganha nova logomarca (abaixo, a nova marca em comparação à anterior), escultura de bronze do artista Bruno Giorgi e carimbo comemorativo da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, além de restaurar fachadas e pontes de ligações entre seus edifícios.

1987 / CENTENÁRIO DO MOINHO FLUMINENSE. No dia 25 de agosto de 1987, o **Moinho Fluminense** comemora 100 anos de existência. A esta altura, o moinho ocupa uma área de 23.708 m² junto ao cais do porto e recebe 459.808 toneladas de trigo para beneficiamento, 32% das quais de trigo nacional. Para celebrar a data, a **Moinho Fluminense S.A. Indústrias Gerais** lança nova logomarca, substituindo o antigo monograma F (de Fluminense) pelas iniciais MF, e encomenda uma escultura de bronze ao artista plástico Bruno Giorgi. Intitulada "Integração" e produzida em tiragem limitada de 200 unidades, todas assinadas e com título de certificação de autoria, a escultura tem seu primeiro exemplar entregue ao Presidente da República, José Sarney. Na ocasião, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) emite um carimbo comemorativo, sinal da importância da companhia para a história empresarial brasileira. Entre 25 e 31 de agosto, toda correspondência expedida pelo **Moinho Fluminense** e pela agência da ECT da Rua da Quitanda sai com o carimbo comemorativo. No dia 1º de setembro, o carimbo é enviado a Brasília, onde faz parte do acervo histórico da ECT. Ainda em homenagem ao seu centenário, a empresa realiza a restauração das fachadas do Moinho e das pontes de ligações entre as construções, tombadas um ano antes pelo Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.
As festividades do dia 25 de agosto contam com cerimônia oficial no auditório do Moinho Fluminense e show da cantora Beth Carvalho para todos os funcionários, no Canecão.

Reinauguração da Praça da Harmonia, bairro da Saúde, restaurada e conservada pelo Moinho Fluminense.

1987-1988 / ADOÇÃO DA PÇA. CORONEL ASSUNÇÃO (PÇA. DA HARMONIA). Ainda em razão de seu centenário, o **Moinho Fluminense** decide adotar a Praça Coronel Assunção, popularmente conhecida como Praça da Harmonia, de importância histórica para o bairro da Saúde, onde funcionava já no século XVII como área comercial, embrião da Zona Portuária do Rio de Janeiro, quando as águas da Baía ainda avançavam até a encosta. Tendo seu desenho original sido descaracterizado com o tempo – com o surgimento das atividades fabris e a ampliação do porto –, a praça receberia, com a adoção pelo **Moinho Fluminense**, um investimento de US$ 120 mil dólares para intervenções de restauro. O projeto é apresentado ao prefeito Saturnino Braga em 9 de junho de 1987.
Em 24 de agosto, termo de cooperação entre a empresa e o município indica o compromisso com a "reconstrução do coreto, reforma dos jardins, colocação de bancos e iluminação", além de, uma vez concluídas as obras, conservação, manutenção e limpeza da praça. No dia 2 de setembro, ofício do gabinete da Divisão de Preservação e Restauração, assinado pelo diretor Luiz Eduardo Pinheiro da Silva, registra:

> *"A Praça constitui um dos mais expressivos conjuntos urbanos da cidade do Rio de Janeiro. O paisagismo original da Praça foi modificado há cerca de 25 anos, data da demolição do antigo coreto e a colocação do busto do Coronel Assunção. Desse coreto restaram algumas poucas fotografias e a memória da população local. A iniciativa do Moinho Fluminense, de tomar para si a revitalização e conservação do logradouro, é um exemplo louvável de ação de preservação por setores privados e é um ato que vem, mais uma vez, dignificar essa instituição na campanha da preservação do patrimônio cultural da cidade."*

Reinaugurada no dia 1º de junho de 1988, seria a primeira vez na história da cidade do Rio de Janeiro que uma área pública foi recuperada e conservada por meio de empresa privada, de acordo com jornais da época que noticiaram o fato.

Pré-Mescla, primeira linha de misturas para panificação industrial do Brasil.

1988 / LANÇAMENTO DA LINHA PRÉ-MESCLA. Nos dias 20, 21 e 22 de abril, o **Moinho Fluminense** lança sua linha de misturas para panificação industrial *Pré-Mescla*, primeiro produto do gênero no País. Reunindo sal, farinha, gordura, açúcar, vitaminas e outros componentes, as misturas são vendidas em sacos de 5 e 20 kg em seis versões, que utilizam farinhas de acordo com a finalidade de cada mistura: três para fabricação de pães brancos (farinha *Record* para pães de hambúrguer e hot-dog, *Favorita* para pão de forma e *Alba* para baguete), outras três para pães escuros (*Serrana* para pão misto de centeio, *Única* para pão preto e *Trigueira* para pão integral). Para o lançamento, o **Moinho Fluminense** convida um dos maiores *experts* em panificação no mundo, o engenheiro químico português Vítor Moreira (ficaria conhecido como "Papa do Pão"), que faz demonstrações do produto em uma padaria montada especialmente para a ocasião no auditório do Senai do Rio de Janeiro, ao qual comparecem 2.000 panificadores brasileiros. A linha é lançada comercialmente primeiro nos mercados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

1989 / SOCIEDADE COM A PLUS VITA (E OUTRAS ASSOCIADAS). Em 1989, o **Moinho Fluminense** ocupa o 3º lugar no ranking do seu setor, quando firma sociedade com a **Plus Vita S.A.**, tradicional indústria de panificação do Estado do Rio de Janeiro, adquirindo 50% das ações representativas de seu capital social. A **Plus Vita** junta-se, assim, a diversas outras empresas associadas ao **Moinho Fluminense** de então: **Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A.**, **S.A. Moinhos Rio Grandenses (Samrig)**, **Moinho Recife S.A. Empreendimentos e Participações**,

Vera Cruz Seguradora S.A., **Petybon S.A.**, **Santista Indústria Têxtil do Nordeste S.A.**, **Toália S.A. Indústria Têxtil**, **Alimonda S.A.**, **Quimbrasil - Química Industrial Brasileira S.A.**, **Proceda S.A. Serviços Administrativos** e **Lubeca S.A. Empreendimentos e Administração**. Participa também do capital social do Banco Francês e Brasileiro S.A. Tal grupo é uma mostra da diversidade de setores - alimentício, têxtil, fertilizantes, petroquímico, financeiro, etc. – que contaram com a participação da Bunge na história do Brasil do último século.

Farinha Boa Sorte: aos 60 anos, sucesso nacional consolidado.

1990 / SEXAGENÁRIO DA FARINHA BOA SORTE. Lançada em 1930 pelo **Moinho Fluminense,** a marca *Boa Sorte* não foi a primeira farinha produzida pelos moinhos da **Bunge** no Brasil, nem a primeira a assumir posição de destaque no mercado nacional. No entanto, conquistou rapidamente a liderança de mercado na região do Grande Rio e, no início dos anos 1980, havia chegado ao Nordeste de forma avassaladora, chegando a dominar 70% do mercado da Região. Ao completar 60 anos em 1990, portanto, já está firmemente consolidada no portifólio de produtos da companhia, quando passa a ser fabricada por moinhos em todo o País e se firma como marca de sucesso nacional.

1991-1992 / QUARTA MAIOR EMPRESA DE ALIMENTOS DO PAÍS. Relatórios da época relevam que os nove primeiros meses de 1991 trazem resultados positivos para a **Moinho Fluminense S.A. Indústrias Gerais**. O lucro líquido pela correção integral é de Cr$ 295 milhões, com o lucro apurado por ação de Cr$ 2,74 e margem lucrativa de 0,8%. No período, as vendas do **Moinho Fluminense** alcançam Cr$ 43 milhões. Então a quarta maior empresa do setor de alimentos do Brasil, com patrimônio líquido real de Cr$ 20.996 bilhões, segundo a Revista Balanço Anual de 1991, o **Moinho Fluminense** aumenta ainda mais sua participação no setor: em 29 de abril de 1992, adquire 41,68% das ações da **Petybon S.A.** que ainda haviam ficado com a Hershey do Brasil, pelo valor de US$ 7,5 milhões. Com a nova aquisição, o moinho passa a deter 76,03% do capital da Petybon – com o detalhe de que os 23,96% restantes são da **Natal Industrial**, subsidiária integral do **Moinho Recife**. Em outras palavras, a **Bunge** passa a controlar efetivamente 100% da empresa, então a segunda maior fabricante de massas do País, que passa a se chamar **Petybon Participações Ltda**.

1994 / CONSTITUIÇÃO DA SANTISTA ALIMENTOS. O ano marca um momento de grande reestruturação societária das empresas da **Bunge** no Brasil, que culmina na constituição, em 13 de setembro de 1994, de uma única empresa para concentrar todas as atividades operacionais do setor de alimentos: a **Santista Alimentos**. A partir de então, **Moinho Fluminense –** assim como **Moinho Recife** e **Sanbra** (que já havia incorporado a **Samrig** em 27 de abril do mesmo ano) – tornam-se holdings puras, com participação apenas acionária no setor. Concentrando tal patrimônio, a **Santista Alimentos** já surge como uma gigante, maior processadora de trigo do País, com faturamento consolidado de cerca de US$ 1 bilhão ao ano, do qual 47% corresponde a vendas diretas ao consumidor, em prateleiras de supermercados (margarinas, maioneses, óleos refinados, sobremesas, farinhas domésticas, pães e massas); 36% a matérias-primas para a indústria de alimentos (farinhas industriais, misturas para panificação e ingredientes funcionais); e 17% ao *trading* de *commodities* (óleo bruto e farelo). A título de comparação, o mercado de *commodities* representa 19% do faturamento da Sadia e 46% do da Ceval. Num cenário econômico com *boom* de consumo no País, os números colocam a nova empresa em posição vantajosa, segundo relatório do Banco de Investimentos Garantis S.A.

2000 / CONSTITUIÇÃO DA BUNGE ALIMENTOS. No dia 13 de setembro, consolida-se oficialmente a união, iniciada três anos antes, entre a **Ceval** e a **Santista Alimentos**, que se tornam divisões de uma nova empresa: a **Bunge Alimentos**. A Divisão Santista reúne a linha de produtos para o consumidor final, para panificação e *food service*; e a Divisão Ceval concentra os negócios com grãos, oleaginosas e ingredientes funcionais. Juntas, as divisões somam 37 unidades industriais e empregam cerca de 8 mil pessoas no País.

2001 / CRIAÇÃO DA BUNGE BRASIL. Em 2001, é criada a **Bunge Brasil**, que assume controle da **Bunge Alimentos** e da **Bunge Fertilizantes**. Em agosto deste ano, consolidando os resultados de ambas as empresas, a **Bunge Brasil** abre seu capital na bolsa de Nova York. A nova empresa já nasce como a maior distribuidora de fertilizantes do mundo, maior processadora de trigo e soja da América Latina e maior fabricante brasileira de margarinas, óleos comestíveis e gorduras vegetais. (Para melhor compreensão das mudanças estruturais sofridas pela Bunge no início do século XXI, conferir *Histórico Bunge Brasil*).

2004 / ACORDO OPERACIONAL COM J. MACÊDO. Em 2004, **Bunge** e J. Macêdo – empresa de processamento de trigo, vice-líder nacional do setor – fecham um acordo com o objetivo de desenvolver ações sinérgicas nas áreas em que são mais competitivas. Pelo acordo, a **Bunge** passa a focar na produção de farinhas industriais para os setores de panificação, industrializados e *food service;* e a J. Macêdo, na produção de farinhas para consumo doméstico. O acordo também passa a marca **Petybon** e o controle das fábricas de São José dos Campos (SP) e de Cabedelo (PB) para a J. Macêdo. O acordo deixaria de vigorar nove anos depois, em março de 2013, quando cada moinho voltaria a ser comandado exclusivamente pela respectiva empresa proprietária.

Início das obras de restauração da fachada do Moinho Fluminense.

2011 / RECUPERAÇÃO DA FACHADA DO MOINHO FLUMINENSE. Em julho de 2011, a **Bunge** inicia projeto de recuperação da fachada original do **Moinho Fluminense**, em estilo eclético, com detalhes vitorianos e neoclássicos. Para isso, contrata a mesma empresa responsável pela recuperação do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, reinaugurado um ano antes. A ação da Bunge se integra ao Projeto Porto Maravilha, de revitalização urbana da Região Portuária do Rio de Janeiro, realizado por meio de consórcios entre o Poder Público municipal e a iniciativa privada.

Logo da Academia Bunge, espaço de treinamento e capacitação de profissionais do segmento de food service.

2011 / INAUGURAÇÃO DA ACADEMIA BUNGE. Em 2011, a **Bunge** inaugura sua primeira Academia Bunge – espaço de treinamento e capacitação de profissionais do segmento de *food service* e indústria – no antigo prédio do Moinho Fluminense, localizado no centro do Rio de Janeiro. Em um espaço de 300 m^2, a Academia oferece cursos especializados (nos segmentos de panificação, confeitaria e refeição), assessoria técnica especializada e consultoria com soluções, com capacidade para atender até 50 pessoas por dia. Um ano depois, a **Bunge** inaugura uma unidade paulistana da Academia na região do Jabaquara, Zona Sul de São Paulo. Com mais de 30 chefs e 20 especialistas, as duas unidades chegam a atender mais de 5 mil clientes por ano. Quatro anos depois, em 2016, a Academia Bunge do Rio de Janeiro seria transferida para o novo **Moinho Fluminense**, construído no município de Duque de Caxias. Projetada para capacitar clientes e trazer soluções de negócios em diferentes segmentos de atuação, a nova Academia conta com auditório e cozinha experimental para aulas práticas e tem capacidade para treinar mais de 2 mil pessoas por ano.

2013-2014 / VENDA DO MOINHO FLUMINENSE. Praticamente 100 anos depois de adquiri-lo, na virada de ano entre 2013 e 2014, a **Bunge** vende o **Moinho Fluminense** à empresa de investimentos Vinci Partners. Entre a compra do terreno e dos cinco prédios históricos do moinho, que ocupam uma área de 100 mil m2, a imprensa de então estima um investimento de cerca de R$ 1 bilhão. A nova proprietária anuncia a intenção de erguer no conjunto arquitetônico - tombado em 1986 - um complexo empresarial, residencial e hoteleiro, no contexto do projeto Porto Maravilha, de reurbanização da Zona Portuária. Desenvolvido pela Vinci em parceria com a Carioca Engenharia, o novo projeto prevê, além dos cinco prédios tombados, a construção de duas novas torres, a transformação dos silos em um hotel; um centro médico; salas comerciais; salas de cinema; praça de alimentação; estação de Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e mil vagas de estacionamento. Com a venda, a **Bunge** anuncia a decisão de transferir as operações do **Moinho Fluminense** para a Baixada Fluminense, no município de Duque de Caxias, até o final de 2016, em nova fábrica que está sendo construída (*ver próximo verbete*).

Nova unidade do Moinho Fluminense, em Duque de Caxias, Baixada Fluminense (RJ).

2016 / INAUGURAÇÃO DO NOVO MOINHO FLUMINENSE (DUQUE DE CAXIAS). Após dois anos de obras e um investimento de R$ 500 milhões, a **Bunge** inaugura a nova unidade do **Moinho Fluminense**, no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. As novas instalações passam a integrar as operações de processamento de trigo às do Centro de Distribuição Rio e devem atender a demanda dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo – segundo maior mercado no País, atrás apenas de São Paulo. Somando-se as operações de moagem e do centro de distribuição, a nova planta conta com o trabalho de 250 funcionários. Projetado para ser a mais moderna planta de moagem de trigo da América Latina, o novo **Moinho Fluminense** já nasce com a certificação internacional FSSC 22.000 (*Food Safety System Certification*), de segurança de alimentos em indústrias, e pode processar mais do que o dobro da capacidade do anterior. Com o novo **Moinho Fluminense**, a **Bunge** passa a controlar sete moinhos de trigo de Norte a Sul do Brasil: Suape (PE), Brasília (DF), Santa Luzia (MG), Rio de Janeiro (RJ), Tatuí (SP), Santos (SP), Ponta Grossa (PR), além da unidade de mistura e envase de Contagem (MG). A moagem total no País é de 1,9 milhão de toneladas de trigo por ano.